

**PARA ALÉM DA DEPRESSÃO:**

**UMA LEITURA DISCURSIVA DE POSTS DE SUJEITOS SUICIDAS NO FACEBOOK [[1]](#footnote-1)**

**Antonione Alves Grassano [[2]](#footnote-2); Luana Luciana Ribeiro de Alencar [[3]](#footnote-3); Bruna Pfeiffer Salgado[[4]](#footnote-4)**

**Resumo**

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa que se propõe a analisar discursivamente postagens no Facebook com ideações suicidas de jovens. Para isso, partiremos dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD), em diálogo com estudos em Comunicação, Teorias Sociais, Linguísticas e Psicanálise, para examinar, nas práticas discursivas de jovens suicidas, a produção de sentidos do sujeito sobre si, e como tais enunciações se constituem em narrativas de sofrimento. Neste arquivo apresentaremos uma análise de uma postagem que compõe nosso arquivo. Nos focaremos em conceitos próprios da AD para fazer uma investigação sobre os vestígios do discurso na língua, tomando esta como a materialidade específica das formações discursivas. Nossa proposta se enquadra na hipótese da destituição simbólica, caracterizada por uma crise profunda entre sujeito e discurso.

**Redes, Sujeito e Discurso**

Neste trabalho nos propomos a analisar discursivamente postagens no Facebook de jovens suicidas. Em nossa proposta, utilizamos os pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD), para investigar, nas práticas discursivas de jovens suicidas, a produção de sentidos do sujeito sobre si, e como tais enunciações se constituem em narrativas de sofrimento. Propomos, para isso, a noção de “destituição simbólica” como processos severos de dessubjetivação e dessimbolização (dois aspectos de uma crise da relação entre sujeito e discurso). Compreendemos este conceito como o processo pelo qual o sujeito vai se desidentificando com os discursos majoritários e legitimados socialmente. Como não há sujeito sem sentido (ORLANDI, 2015), observamos um processo de restituição, embora nem sempre pelas vias reconhecidas socialmente. A restituição pode ser o próprio desejo de aniquilação de si. Contudo, nada disso acontece fora do esteio das relações de poder. Se Foucault percebe que onde há poder, há resistências, desenvolvemos a hipótese de que as formas de desistências também só ganham sentido em uma dada relação discurso/poder.

Este estudo se enquadra no âmbito da pesquisa sobre processos de destituição simbólica que encontram na ambiência das redes sua formulação e circulação. Um conceito de para entender as redes é o da Comunicação Mediada pelo Computador (CMC). Para Jones (1995), ela é um produto social que não é apenas constituída de um conjunto de ferramentas, mas é um motor de relações sociais que estrutura e proporciona um ambiente para que elas ocorram, possibilitando entendimentos para os sentidos construídos pelos atores. É no ciberespaço que percebemos a emergência de discursos com alto grau de reversibilidade e polissemia, visto que as redes, dentre os meios de comunicação, constituem-se com menor presença de discursos institucionalizados. As redes, devido às propriedades da materialidade multimodal, poderiam permitir, hipoteticamente, uma gestualização (releitura, reescrita, contrainformação, retextualização) não tão plausível nos meios massivos.

Ora, a web vem produzir deslocamentos importantes na rede de memória. Ela reconfigura o interdiscurso - o conjunto de discursos disponíveis numa conjuntura dada -, tonificando sentidos até então apenas adjacentes na velha mídia, fazendo reverberar no espaço público constituído pela rede aquilo que não era “relevante” dizer/ouvir/escrever/ler. Além disso, vocaliza sentidos, discursos e atores proscritos na velha mídia. Talvez a rede não constitua, por si mesma, novos discursos, mas ao dar espaço para novas formulações, acaba por produzir deslocamentos na ordem da memória, ao tornar outros discursos disponíveis para os sujeitos. (PERNISA JÚNIOR; ALVES, 2010, p. 112).

É neste novo espaço que se localiza a materialidade significante deste trabalho. A materialidade significante, é importante ressaltar, não deve ser confundida com o suporte (materialidade física, isto é, computador, laptop, smartphones, etc.) nem com mídia (função de comunicação e informação constituída historicamente, neste caso, as redes sociais e, mais especificamente, o Facebook). Neste sentido, entendemos que a materialidade significante de tais postagens é o que denominaremos “discursos de si” (PAULILLO, 2004). A materialidade significante é caracterizada por uma textualidade que é estrutura significante, acontecimento enunciativo, atualizada por sujeitos na história e, necessariamente por isto, dotada de sentidos sociais (PERNISA JÚNIOR; ALVES, 2010). Haroche (1992) situa no século XIII o início da emergência do imaginário de “si mesmo”, o indivíduo como instância subjetiva. Este processo é a condição de produção para o funcionamento das práticas discursivas ligadas ao discurso de si e ao estatuto do sujeito-indivíduo na modernidade.

**Medicalização e Diagnóstico: regimes discursivos contemporâneos**

Nesta articulação entre discurso, poder e afeto, iniciamos a reflexão acerca da condição de significante-mestre que o discurso biomédico e as práticas discursivas afins da medicina ocupam na organização simbólica da vida cotidiana. Com isso, na medida em que a existência humana não deixa de produzir sofrimentos e que as sucessivas experiências físicas e emocionais que não nos agradam são inerentes à vida, tudo pode ser patologizado. Desta forma, algo que até então poderia ser considerado saudável, normal ou comum, sofre uma mudança de valores nesta discursividade. “Componentes inerentes à existência ganham novas formulações: a *angústia*, por exemplo, se transforma em *transtorno de ansiedade*; e a *finitude* ou o *ser-para-morte*, em transtorno com essa ou aquela designação científica”. (FREITAS; AMARANTE, 2017, p. 12).

A este processo, chamaremos “medicalização da vida cotidiana” ou “medicalização da existência”. Apesar de ser um fenômeno identificável materialmente mais facilmente quando se trata da medicação, ou seja, “cuidar(-se) por meio de medicamentos”, a medicalização é um fenômeno moderno polissêmico.

Em comum, configura-se como o processo de transformar experiências consideradas indesejáveis ou perturbadoras em objetos da saúde, permitindo a transposição do que originalmente é da ordem do social, moral ou político para o domínio da ordem médica e práticas afins (FREITAS; AMARANTE, 2017, p.14).

Como aponta Dunker (2015), não há medicalização sem diagnóstico. “Diagnosticar”, segundo o autor, é hoje uma das atividades que, de forma específica, as formas de vida contemporâneas mais valorizam. Testemunhamos, assim, a expansão dos atos de diagnóstico, seus raciocínios e suas estratégias de inserção (política, clínica e social) bem como seus efeitos coercitivos na vida cotidiana. A este movimento, Dunker chama de “diagnóstica”, ou “racionalidade diagnóstica”. “Assim sendo, o ato diagnóstico ocorre no interior de um sistema de possibilidades predefinidas envolvendo um sistema de signos, uma prática de autoridade e uma gramática das formas de sofrimento que são agrupadas em uma unidade regular”, afirma o autor (DUNKER, 2015, p.20).

A operação desta racionalidade é, assim, cifrar (e aqui acrescentamos, “gramaticalizar”), reconhecer e nomear o mal-estar em modos mais ou menos legítimos de sofrimento. (DUNKER, 2015). Se Safatle (2018) defende que para ter seu sofrimento reconhecido é necessário sofrer conforme dita a medicina, é sob estas formulações que entendemos a relevância da discursividade biomédica e seus efeitos nos modos de subjetivações contemporâneos, o que nos leva a considerar a interpelação em sujeito operada pela ideologia, reflexão própria da Análise de Discurso (PÊCHEUX, 2014).

Como preconiza a AD, entendemos que para a temática das formas de sofrimento, devemos considerar a rede de sentidos e a (re)atualização de uma memória discursiva sobre a doença, o estar doente, determinadas noções históricas sobre o corpo e como estas questões se articulam com o individualismo contemporâneo, pois a categorização de uma experiência como doença se dá

em meio a um contexto histórico e cultural; ela é estruturada mas também estruturante, pois em alguma medida angula o que e como os indivíduos vivem essa experiência, como se estruturam o sistema de cura, as relações que a sociedade estabelece com o doente e assim por diante. Essa angulação certamente não ocorre de forma homogênea, havendo perspectivas diferenciadas em seu interior, e mesmo antagônicas. Nesse sentido, pode-se afirmar que o processo classificatório referente à categoria doença se insere em uma dinâmica social mais ampla, que engendra uma série de relações sócias. (LERNER, 2014, p.152)

Desta maneira, é fundamental a reflexão acerca dos atravessamentos ideológicos do discurso biomédico e suas influências nos modos de subjetivação contemporâneos.

**As doenças da alma e capacidade de representar**

Ainda podemos falar em “alma”? E, em caso positivo, podemos dizer que temos uma? De acordo com Kristeva (1995), essas perguntas, que a princípio seriam de cunho filosófico, teológico ou simplesmente equivocadas por natureza, adquirem uma relevância particular em nosso tempo. A autora traz uma reflexão sobre as “novas doenças da alma”, as formas de sofrimento cotidianas e suas implicações na sociedade moderna, marcada pela emergência da psiquiatria e do bombardeio imagético midiático.

Segundo Kristeva (1995), as “doenças da alma” remontam à distinção metafísica entre o corpo e a alma, questão debatida entre médicos e filósofos da Antiguidade Grega. Surgiu, assim, uma analogia viável que prefigurou a psiquiatria moderna: comparável às doenças do corpo, falava-se em “doenças da alma”. Estas incluíam paixões, da tristeza à alegria, e até mesmo o delírio. Assim, mesmo que alguns médicos se utilizassem desse paralelismo para sustentar uma concepção monística dos seres humanos, para a maioria deles a diferença radical entre os reinos psíquico e somático era confirmada pela presença mútua de ambos, se não pela isomorfia.

Kristeva (1995) assinala que dualismos referentes a corpo e alma prevaleceram desde a antiguidade, alguns consistindo em dinâmicas de fluxo complementares e outros em contradições problemáticas. O fato é que, apesar de todos os esforços científicos para reduzir a psique ao somático, a questão permanece um enigma implacável. “Estaria a psique localizada no coração? Nos humores? No cérebro?” se pergunta a autora… O estatuto da psique e suas implicações na vida dos seres humanos ganha relevância, então, quando encarada como uma estrutura de significação que representa a ligação entre seres falantes e o outro, ligação esta, aponta a autora (1995), que dota a psique de valor terapêutico e moral. Além disso, ao nos tornar responsáveis por nossos corpos, a psique nos protege do fatalismo biológico e nos constitui como entidades falantes.

A encarnação de Cristo, isto é, a Paixão do Homem-Deus, corpo-e-alma, explica Kristeva (1995), suscitou, por dois milênios, a valorização de uma dinâmica psíquica que alimentava a vida interior da humanidade cristã. Assim, excessos passionais direcionados ao sujeito absoluto, isto é, Deus ou Jesus, deixou de ser patológico. Ao contrário, tais paixões eram pensadas como um planejamento do itinerário místico de uma alma buscando pelo Último. A dialética da Trindade, no entanto, teve de ser rompida para que as doenças mentais pudessem ser repensadas, a anatomia ser adaptada ao corpo e os humores paroxísticos serem transformados em objetos de observação e vigilância. “Neste momento, as doenças mentais entrincheiraram-se no espaço sagrado dos asilos mentais”, escreve Kristeva (1995, p. 4)

É Michel Foucault (1977) quem melhor descreverá os investimentos de poder-saber que permitiram a constituição da clínica, um novo recorte no tratamento e no olhar para a doença e para o doente cuja articulação e legitimação se dá através da linguagem de uma “ciência positiva”. A partir desta reorganização do saber médico, este torna-se elemento fundamental na nova realidade populacional do XVIII, quando o controle dos corpos, a saúde e o bem-estar físico da população em geral passam a ser um dos objetivos primordiais do poder político (FOUCAULT, 2018b). O poder político e o imperativo tanto da saúde quanto do conhecimento (produzir a verdade) ensejam a penetração do médico nas mais variadas instâncias de poder. A partir do século XIX, surge o cenário adequado para a emergência do hospital psiquiátrico que terá, de início, a mesma função que se designava aos hospitais do fim do século XVIII (FOUCAULT, 2018). As “doenças do espírito” (FOUCAULT, 1978) estavam prontas para serem confinadas no espaço dos asilos mentais:

Assim se estabelece a função muito curiosa do hospital psiquiátrico do século XIX: lugar de diagnóstico e de classificação, retângulo botânico onde as espécies de doenças são divididas em compartimentos cuja disposição lembra uma vasta horta. Mas também espaço fechado para um confronto, lugar de uma disputa, campo institucional onde se trata de vitória e de submissão. (FOUCAULT, 2018, p. 203)

Kristeva (1995) atenta para o fato, no entanto, de que este gesto começara bem antes da Era da Razão. A raiz desta racionalidade pode ser traçada desde a filosofia e medicina gregas, que introduziram a distinção e a analogia entre doenças do corpo e doenças da alma. Assim como os antigos gregos, a psiquiatria moderna, notadamente aquela representada por Philippe Pinel, relacionou teorias sobre a origem das doenças mentais a questões físicas e morais.

Não obstante o vislumbre da “morte da alma” que o progresso nas ciências naturais, notadamente na biologia e na neurobiologia (decodificação do “segredo” dos neurônios, suas tendências e dinâmicas elétricas), tem possibilitado, não obstante o banimento do sujeito das chamadas “ciências puras”, a questão das representações e variedades de imagens que constituem a alma tem indicado um campo profícuo de investigações sobre as “novas doenças da alma” ao tomá-la por um sistema estruturado como linguagem (KRISTEVA, 1995).

Ao mesmo tempo, as experiências cotidianas apontam para uma redução dramática da vida privada. É como se todos estivéssemos familiarizados demasiadamente com todos os tipos de chantagem emocional que nos remetem às tramas televisivas. Mas essa coerção, assinala Kristeva (1995), é um mero produto, fruto da falha da vida psíquica moderna, refém de imagens já retratadas pela mídia de massa. Acerca do renovado interesse nas religiões, Kristeva (1995) diz ter razões para crer que se trata mais de uma pobreza psicológica, cuja busca por um sucedâneo para a alma daria uma presença artificial para um sujeito amputado, que uma questão legítima.

Em uma sociedade de imagens predefinidas e formatadas, não temos nem o tempo nem o espaço para criar uma alma para nós, e a mera alusão a um gesto como este parece frívola e desaconselhável. “Paralisado pela sua indiferença, o homem moderno é um narcisista - um narcisista que sofre, mas não sente remorso. Ele manifesta seu sofrimento em seu corpo e é afligido por sintomas somáticos”, escreve Kristeva (1995, p.7). Este homem, assim, está alienado de seu desejo e paradoxalmente é lançado no “refúgio” dos próprios problemas que busca justificar.

Quando não deprimido, ele é tragado por objetos insignificantes e sem valor que oferecem um prazer perverso, mas não satisfação. Vivendo em um tempo e espaço acelerado e fragmentado, ele frequentemente tem problemas em reconhecer sua própria fisionomia; deixado sem uma identidade sexual, subjetiva ou moral, este anfíbio é um ser do limite, um borderline, ou um um “falso self” - um corpo que age, e frequentemente sem nem mesmo as alegrias desta embriaguez performativa. O homem moderno está perdendo sua alma, mas não percebe. É, para seu aparato psíquico, o que registra representações e valores significativos para o sujeito. Infelizmente, essa “câmara escura” necessita de reparos. (KRISTEVA, 1995, p. 7-8. Tradução nossa)

A metáfora com a sala escura, onde fotografias são reveladas, é pertinente. Incapacitado que está de representar, de criar suas próprias imagens, proliferam sujeitos-pacientes cuja dificuldade é de se expressar e de simbolizar seus traumas insuportáveis. Este mal generalizado é materializado por uma linguagem experimentada como “artificial”, “vazia” ou “mecânica”. (KRISTEVA, 1995)

Obviamente, a sociedade que modela os indivíduos não os deixaria totalmente à deriva. Através da neuroquímica, pacientes podem achar soluções possivelmente efetivas nos fármacos, cujos métodos podem tratar insônia, ansiedades, certos estados psicóticos e algumas formas de depressão. Desta forma, afirma Kristeva (1995), o corpo conquista o território invisível da alma, o sujeito é dominado por imagens, que substituem o próprio sujeito em um estado onírico. O êxtase da alucinação origina-se na ausência de fronteiras entre prazer e realidade, entre verdade e falsidade. O espetáculo é uma vida sonhada, todos o desejam. O resultado disso é uma expressão estandardizada e um discurso normalizado. “Se as drogas não controlam sua vida, as feridas serão “curadas” com imagens, e antes que possa falar sobre os estados da alma, você as afoga no mundo da mídia de massa”, escreve Kristeva (1995, p.8).

Quaisquer que sejam as classificações, os nomes ou as doenças diagnosticadas, todas estas sintomatologias modernas compartilham um denominador comum: a inabilidade de representar. E o que quer que tenha tomado a forma de um mutismo psíquico ou adotado sinais variados experimentados como “vazio” ou “artificial”, tal deficiência de representação psíquica entrava a vida sensorial, sexual e intelectual do sujeito, podendo inclusive atingir o funcionamento biológico. Para Kristeva (1995), uma “nova doença da alma” deve ser descoberta em cada paciente para que se aprecie a singularidade de cada indivíduo, da mesma forma que perceber que tais “novas doenças da alma” vão muito além dos sistemas classificatórios tradicionais e suas inevitáveis e repetidas revisões.

O que é mais importante é que eles [sistemas de classificação] encarnam dificuldades ou obstáculos na representação psíquica que acabam por destruir a vida psíquica. [Podemos] Revitalizar a gramática e a retórica e enriquecer o estilo daqueles que desejam falar conosco, porque eles não podem mais permanecer silenciosos e ignorados (KRISTEVA, 1995, p.10)

Para os fins deste trabalho, inúmeros autores das mais variadas tradições de pensamento poderiam ser selecionados para a questão do mal-estar e sofrimentos contemporâneos, mas entendemos que Kristeva nos esclarece de forma ímpar acerca do estatuto da linguagem neste processo e sobre a marca característica do homem como um “ser falante”, remetendo ao postulado de Lacan (parlêtre) apropriado pela Análise de Discurso através da noção do sujeito assujeitado pelo inconsciente e pela ideologia

Assim, seria o caso de se pensar na hipótese de que uma miríade de sentimentos, um complexo jogo de linguagem que estrutura o sofrimento, não estaria sendo encapsulado em um único sentido, pronto, enlatado, impedido de ser narrativizado por seu próprio sujeito: a “depressão”. Seria o caso de se pensar, como propõe Dunker (2015), de que forma o mal-estar está sendo convertido em sofrimento, e este, reduzido a sintoma.

Problematizar a razão diagnóstica é empreender uma via pelas possibilidades do discurso, a partir da escuta de um sujeito que se constituiu na narrativização de seu sofrimento e produz sentido a partir deste gesto. Quais sentidos outros estariam alheios ao de doença, doença mental, distúrbios e, mais precisamente, ao de depressão? Para esta reflexão, traremos, neste trabalho, a análise de um extenso relato no Facebook produzido por um sujeito suicida.

**Vestígios do discurso na língua**

Para os propósitos desta análise, traremos um extenso relato que compõe nosso arquivo analítico. Este texto foi produzido e publicado no Facebook como uma espécie de carta suicida, a última postagem do sujeito antes da consumação do suicídio. Conduziremos algumas observações discursivas a respeito deste texto.

É comum observarmos, em trabalhos em análise de discurso, o direcionamento a um dos eixos da relação do discurso com a materialidade. Podemos elencar a relação entre discurso e língua - a qual denominaremos “vestígios” - do discurso com o sujeito - “sintoma” - e do discurso com a história - os “indícios”. Neste trabalho, os relatos de si de sujeitos suicidas no Facebook nos parecem entrecruzar estes eixos de análise, onde as relações do discurso com a história, com o sujeito e com a língua são mais confusas e não tão heterogêneas. Dito isto, nos parece que separá-las possa ser um bom caminho para mapear os sentidos presentes no texto. Faz-se necessário, contudo, ressaltar que, como veremos adiante, tais relações não formam categorias estanques, servindo mais ao exercício analítico que a um propósito teórico de positivação. Neste trabalho, privilegiaremos os vestígios do discurso em sua relação com a língua.

Em primeiro lugar, na relação do discurso com a língua, entendemos estas postagens como um correlato discursivo das cartas suicidas. Estas cartas, geralmente escritas na iminência do ato suicida, eram comumente entendidas como uma espécie de “testamento”, em que o suicidado explicava suas motivações e produzia um relato de sua vida.

Considerado o pai da suicidologia, Edwin Shneidman via nas cartas os melhores dados empíricos disponíveis para chegar aos fatores do suicídio, tendo o acesso a tais relatos marcado o início de suas pesquisas na área. Segundo Leenaars (2010), Shneidman chegara a afirmar que as cartas suicidas eram o “caminho de ouro” para o entendimento do suicídio, máxima que o próprio Shneidman iria revisar posteriormente. Observando as escritas e comparando com teorias da psicologia, Shneidman passou a argumentar antiteticamente em relação ao seu primeiro entendimento, que indivíduos que cometem suicídio estão em um estado de constrição afetiva e intelectual, que, como explica Botega, (2015, p. 77) se caracteriza por um “estreitamento no leque de opções de ações que, normalmente, estariam disponíveis para o indivíduo caso estivesse em condições normais”, refletindo em uma “mente desesperada”. Seguindo o raciocínio de Shneidman, se o indivíduo fosse capaz de escrever uma nota completa e explicativa, provavelmente teria o impulso suicida refreado e desistiria de cometer o ato. Em resumo, a carta não daria conta de todo o panorama. (LEENAARS, 2010).

No entanto, o interesse de Shneidman nas cartas suicidas residia no fato de que, em sendo tais relatos abundantes, permitiriam um acesso aos estados psíquicos ao passo que seriam relacionados às experiências dos sujeitos, ou seja, era um trabalho próximo à “arte da biografia”, nas palavras do próprio Shneidman. (LEENAARS, 2010). Esta não é, evidentemente, nossa perspectiva. Entendemos que as postagens no Facebook são o suporte para a nossa materialidade significante: o discurso de si de sujeitos suicidas.

Embora estudos comparativos de cartas suicidas em culturas diferentes sejam raros, a literatura recente já produziu trabalhos relativos à análise do conteúdo dos escritos. (JIMÉNEZ FÉLIZ, GARCÍA CABALLERO, 2010). Leenaars (1996) elenca oito dimensões suscitadas nas cartas suicidas: 1) dor insuportável: ato como alívio, como forma de escapar de um trauma, perda de interesse pela vida, incapacidade para lidar com os desafios da vida; 2) constrição cognitiva: ênfase exclusiva no confronto, emoções incontroláveis; 3) expressões indiretas: ambivalência, agressão introjetada, dinâmica inconsciente; 4) incapacidade de ajustamento: debilidade para fazer frente às dificuldade, estado mental incompatível, problemas psicopatológicos; 5) ego: debilidade das tendências construtivas, ego debilitado ou complexado, consciência vulnerável e dolorosa; 6) problemas interpessoais: necessidades frustradas, problemas interpessoais não resolvidos; 7) rejeição-agressão: relato de evento traumático, ferida narcisista, ambivalência em relação ao outro, vingança contra o outro; 8) identificação-egressão: identificação com um ideal de escape, suicídio como saída. Foster (2003) enumera seis grupos temáticos considerados empiricamente nas cartas: perdão/vergonha; amor aos que ficam; incapacidade para suportar a vida; instruções práticas pós-morte; desesperança; conselhos aos que ficam.

Tomemos alguns vestígios destas temáticas em alguns de nossos enunciados:

“Não estou conseguindo suportar essa dor” - Dor insuportável

“Quem me conhece sabe que sou parceira e alto astral” “estou literalmente no fundo do poço” - Ambivalência

“Meus irmãos que apesar de alguns não gostarem de mim, eu sou humano e amo eles, esse também é o motivo da minha tristeza, saber que alguns dos meus irmão não zelam por mim” - Problemas interpessoais não resolvidos e necessidades frustradas

“A VIDA É TREM BALA PARCEIRO E AGENTE É SÓ PASSAGEIRO PRESTES A PARTIR” “Eu vou partir dessa, não sei aonde vou ser acolhida, mas espero que seja no céu, pois pelo bem que plantei e deixei na terra, acredito que lá será meu lugar, eu já vejo anjos conversando comigo e me acalmando” - Ideal de escape

É evidente que recorremos a formulações da psicologia, linguística e estudos conteudistas apenas como suporte. Podemos utilizá-los para elencar o que chamaremos de significantes irradiadores, isto é, significantes que organizam e dotam o texto de sentidos. Além de alguns que já assinalamos acima, podemos dizer que a lógica do conflito, o relato traumático e a ambivalência vítima-agressor também permeiam todo o texto.

Na ordem do discurso, as formulações aqui elencadas nos levam a compreender que existe um trabalho na/da língua em padrões de produção discursiva mais ou menos provisórios e históricos nos relatos suicidas, o que também nos permite dizer que, na genealogia da produção discursiva dos últimos relatos dos sujeitos - como as cartas suicidas -, ao qual as postagens no Facebook que compõem o objeto empírico desta pesquisa pertencem, existem padrões, formas e temáticas que são as condições de produção de tais discursos.

Sabemos, no entanto, que a relação forma/sentido não é bi-unívoca. Conforme Orlandi (2015), esta relação é dominada pela tensão entre o um e múltiplo, entre o mesmo e diferente. Ao tomar a palavra para produzir seu último relato, o sujeito entra em um jogo entre efeitos parafrásticos e polissêmicos que permeiam o relato de si. Os sentidos são sempre passíveis de deslocamentos, equívocos e estabilizações, mas estes movimentos são sobredeterminados por uma memória discursiva materializada na língua, lugar de constituição do sujeito, que ao se apropriar/ser apropriado por ela, (re)atualiza a memória discursiva do relato de si.

No excerto que se segue, vamos analisar alguns efeitos da função de coordenação sintática. Vejamos:

Eu vou partir dessa, não sei aonde vou ser acolhida, mas espero que seja no céu, pois pelo bem que plantei e deixei na terra, acredito que lá será meu lugar, eu já vejo anjos conversando comigo e me acalmando, vou, estou indo… mas vou com um aperto no peito e com dó da minha mãezinha que me ama muito e vai sofrer demais, mas vai ser melhor assim, eu quero isso pra mim, e mãezinha vc tem que ser forte pois vc terá a tarefa de cuidar do meu marido pois ele vai precisar muito, do XXXXX XXXXXXXXXXXXXXXX que vai sofrer muito, do pai meu negão que sempre foi pelo correto eu amo muito meu pai, da XXXX que é nosso tesourinho especial, dos meus sobrinhos, parentes e dos meus irmãos que apesar de alguns não gostarem de mim, eu sou humano e amo eles, esse também é o motivo da minha tristeza , saber que alguns dos meus irmãos não zelam por mim, mas faz parte da vida, acredito que todas as famílias existe isso, mas que bom que o XXXXXXXXX sempre foi meu amigo, meu braço direito, minha caixinha de segredos era ele, obrigado mano, eu vou cuidar muito de ti

As conjunções adversativas fazem, realmente, a função de oposição, mas é interessante notar como também coordenam a sequência do dizer oscilando entre aditivas e explicativas. Se pensarmos na argumentação como uma sequência de enunciados para que se chegue a uma conclusão, essa função falha. Em outras palavras, é como alguém que “fala muito e diz pouco”. A saturação na língua, através de elementos argumentativos e explicativos, não cumpre a função de estabilizar o sentido. Este vacila e se rarefaz, indicando a um sujeito às voltas com seu dizer. O próprio uso das adversativas em sequência, uma anulando a direção do sentido da outra, funcionando como acréscimo, adição argumentativa, é um sinal material na língua de um sujeito que não consegue dar sentido ao seu dizer.

Mesmo tais conjunções sendo marcadas, o processo no fluxo do discurso lembra a classe de práticas discursivas que Pêcheux (1981) designou como “écriture à dé-liaison”, tipificada por uma série de enunciados justapostos com conexões implícitas, de sentenças nominais interrompidas ou parcialmente apagadas. Este funcionamento se opõe à “écriture d’enchâssement”, caracterizada “pela construção de um espaço enunciativo pleno, sem restos” (PAULILLO, 2004, p.38).

Na sintaxe de des-ligação, predominam os processos de justaposição e coordenação, ao invés de processo de encaixamento, no encadeamento dos enunciados.

Mas infelizmente esse projeto arquitetônico acabou comigo, não tenho vontade de mais nada, já não como direito, eu só sei chorar e chorar. Para uns isso pode parecer bobagem, mas pra mim não é, tanto que estou aflita desde o dia em que montaram os móveis e só hoje estou tendo coragem de fazer o que eu estava planejando desde aquele momento, quem me conhece sabe que eu sou parceira e alto astral, estou sempre disposta a ajudar a todos e sempre procuro me conectar com pessoas de vibe positiva, mas agora literalmente estou no fundo do poço, estou partindo dessa para uma melhor, pois sei que Deus está me esperando de braços abertos, essa dor que estou sentindo eu não queria que ninguém sentisse!

Na descrição intradiscursiva destes processos, Pêcheux (1981) observa

(...) que o que regula a possibilidade de sequenciamento não seja mais que analogias, compatibilidades e implicações muito vagas para permitir uma interpretação sintática; é também neste ponto que se desenvolve a repetição extensiva do enunciado, a linearização de seus paradigmas subjacentes. (PÊCHEUX, 1981, p.145 apud PAULILLO, 2004, p. 39. Tradução nossa)

Como nos diz Paulillo (2004), no discurso de si trata-se mais de pensamentos falados que pensamentos enunciados, manifestando a escrituração de um sujeito dividido. Para ela, estes procedimentos de justaposição e ruptura sintática (“vazios sintáticos”) assinalam a indeterminação entre os processos de fragmentação da estrutura temática e os de esgarçamento da estrutura sintática. Este funcionamento, aponta, parecem interligados ao que ela chama “giro parafrástico”

O giro parafrástico do sentido é o movimento de repetição que se sustenta na organização de um dizer/redizer de sentido a partir da retomada parafrástica. Dessa forma, o discurso de si se expande, mas não por um processo estruturado de subtopicalização dos temas já enunciados. Também não apresenta marcas sintático-semânticas que organizam tal subtopicalização. O que se produz é uma configuração circular, onde o que dará ensejo a uma subtopicalização é a retomada de um sentido já-posto, fazendo-se “um constante retorno, ao longo do discurso, aos mesmos tópicos, na tentativa de capturar, pelo dizer, esse estado subjetivo que parece se furtar às formas do enunciável. ” (PAULILLO, 2004, p. 35).

Percebemos como o sujeito se constitui pela e na língua, mas destituído de autonomia neste processo, pois a especificidade do giro parafrástico, aponta Paulillo (2004), reside no fato de o sujeito enunciador não deter o comando da operação de parafrasagem. Isto pode ser materialmente percebido pela ausência de formas meta-discursivas marcadoras da parafrasagem - “como eu disse”, “isto é”, “por exemplo” - estratégias que o locutor geralmente lança mão para reintroduzir ou retomar um tópico postulado. Assim, o giro parafrástico executa a função parafrástica tão somente no plano do locucional, excluindo os níveis referencial, simbólico e pragmático da parafrasagem.

O entrelaçamento da ordem sintagmática e paradigmática (FUCHS, 1982) é descrito na recorrência de uma expressão que é retomada em enunciados posteriores pelo autor, que a encontra após uma série de substituições dada a pregnância da expressão e a importância do tema. É sintomático como o sintagma “motivo” ou “motivo do meu desespero” aparece, para o sujeito, sem avisos, uma irrupção no fio do discurso, que pode demonstrar uma justificativa a ser dada, mas que não consegue ser encontrada. O sentido escapa ao enunciável.

O motivo do meu desespero é por causa da minha loja

Ela [*arquiteta*] é o motivo do meu desespero e das minhas noites mau dormidas

[*Dono da loja de móveis*]Também é motivo de todo esse desespero sem fim

Meu projeto virou motivo de desespero e depressão!

[*Irmãos não gostarem de mim*], esse também é o motivo da minha tristeza

Retomamos, aqui, as observações de Paulillo (2004), para quem o giro parafrástico sinaliza no discurso o que se repete como o que escapa à circunscrição estruturante da discursividade. “Nesse sentido, o que o giro parafrástico mostra é uma certa deriva do discurso, que, girando em torno de si mesmo, retorna aos mesmos sentidos” (PAULILLO, 2004, p.37). Tanto a sintaxe da des-ligação quanto o giro parafrástico podem ocorrer sem a realização de uma pontuação simbólica da instância enunciativa, funcionamento característico da escrita automática.

Desse ponto de vista, o sujeito que está em jogo no discurso de si, preso nas malhas da enunciação vacilante, é aquele que está a descoberto na sua precariedade, despojado do lugar de mestria que lhe permitiria instaurar, num dizer estável, uma representação. Nesse sentido, o discurso de si aparece em sua condição de sutura mínima, onde, portanto, o movimento de evicção do sujeito enquanto tal se mostra mais frágil. (PAULILLO, 2004, p.41)

É interessante notar como os vestígios do discurso na língua nos levam a fazer considerações acerca do sujeito enquanto sintoma do discurso. Como dissemos, as relações da história, do sujeito e da língua com o discurso não são categorias estanques, embora algumas sejam mais evidentes que outras na análise da materialidade. Dito isto, nos parece conveniente tecer algumas considerações acerca do sujeito suicida suscitado pelo discurso de si e os indícios históricos possíveis considerados enquanto condição de produção.

Retomando a noção dos significantes irradiadores, é notório os deslizamentos das formações imaginárias do sujeito-enunciador que compõem o imaginário de si e do outro.

essa dor que estou sentindo eu não queria que ninguém sentisse!

e se hoje sou uma pessoa do bem

pois pelo bem que plantei e deixei na terra

não desejo isso nem para um inimigo (não tenho inimigos)

Em oposição a:

E que a justiça seja feita!

Peço que lutem por mim!

E que esses infelizes destruidores de vida e lares paguem por todo meu sofrimento e por tirar minha vida q era cheia de planos!

Tais enunciados podem ser interpretados como sintoma de um sujeito que se alterna entre a posição de vítima (que também está marcada no posicionamento do “eu” como objeto passivo das ações do outro) e de agressor, marcada na exposição do nome de seus “algozes” e na demanda por justiça/vingança.

O estatuto da vítima, por sua vez, se incrementa no processo histórico-discursivo da medicalização, ao se tornar um produto e um vetor de ampliação deste domínio. Para Martins de Sousa (2017), o modo como são retratadas diariamente nos noticiários, opera destituindo a vítima das responsabilidades pelos eventos ocorridos em sua vida. “Subjugadas intencionalmente por indivíduos malvados, as vítimas sofreriam por culpa do outro”. (MARTINS DE SOUZA, 2017, p. 122). Assim, a condição da vítima vêm se constituindo como uma forma específica de apreensão do sofrimento psíquico, da distribuição de responsabilidades pelos danos causados a si ou a outrem e da natureza individual ou coletiva de tais responsabilidades (VAZ, 2010).

Emerge de tais considerações a forma-sujeito contemporânea decorrente da razão diagnóstica e da subjetivação pela doença que são parte da racionalidade neoliberal (DARDOT, LAVAL, 2016). Acerca do “sujeito empresa-de-si”, determinado pelo esfacelamento das esferas privadas, cujo espaço é invadido pela lógica do mundo do trabalho, pode-se dizer que se trata da expressão máxima do individualismo contemporâneo. Tal sujeito sintoma se materializa no deslizamento que produz a partir da palavra “projeto”. No início referido a um projeto arquitetônico, este sentido se desloca e se confunde com projetos afetivos.

Esse ano era pra ser “meu ano”, pois além da inauguração da loja, eu iria convidar as pessoas que deixaram de falar comigo, para irem conhecer meu espaço, pois eu queria que essas pessoas notassem minha mudança interna, mas o ano e o mês dos sonhos não aconteceu e não vai acontecer, pois sou fraca e não sei lidar com esse tipo de sentimento, é ruim, doloroso e machuca muito! Meu projeto virou motivo de desespero e depressão!

É sintomático como esse termo é retomado quando o sujeito narra planos de vida, da mesma forma que, se antes era um projeto “da arquiteta”, agora aparece como algo que o sujeito toma para si.

**Considerações Finais**

A escolha das redes como foco da pesquisa acerca do discurso de si de sujeitos suicidas mostrou-se proveitosa na medida em que permitiu alcançar discursos outros que não aqueles institucionalizados e padronizadas em formas privilegiadas pela mídia massiva. Além disso, foi possível captar formas públicas de enunciação de sujeitos no auge de seu sofrimento.

As reflexões trazidas a respeito da capacidade de representar, dos sentidos estabilizados da diagnóstica e da medicalização e seus efeitos nas formas de subjetivação valida a perspectiva de empreender, através dos postulados da Análise de Discurso, uma escuta discursiva que visa apreender sentidos possíveis no funcionamento de uma materialidade significante específica: o discurso de si. Entendendo o sofrimento como estrutura de narrativa, um campo profícuo de análise é aberto.

O trabalho analítico nos revelou, a princípio, uma relação confusa do discurso com as materialidades relativas à história, ao sujeito e à língua, onde não raramente estas pareciam justapostas. Tornou-se necessário, para fins da análise, uma separação metodológica, e privilegiamos para este trabalho os vestígios do discurso na língua, muito embora as considerações nos levassem aos sintomas (relativos ao sujeito) e aos indícios (que remete à história).

Tal ocorrência, ou recorrência, indica um caminho para entender os sentidos que o sujeito dá a seu sofrimento e ao ato do autoextermínio através dos postulados teóricos da Análise de Discurso.

**Anexos**

FIGURA 1 – Postagem suicida (Parte 1)



Figura 2 – Postagem suicida (Parte 2)



**Palavras-chave:**

Discurso; Redes, Suicídio, Língua; Facebook

**Referências**

BOTEGA, N. J. **Crise suicida**: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015

DARDOT, P; LAVAL, C. **A** **nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016

DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015

FOSTER, T. Suicide Note: themes and suicide prevention. **Psychiatry Medicine**, v. 33, p. 323-331, 2003.

FOUCAULT. M. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978

\_\_\_\_\_\_, M. A casa dos loucos. In. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018

\_\_\_\_\_\_. A política de saúde no século XVIII. In. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018b

\_\_\_\_\_\_, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977

FREITAS, F; AMARANTE, P. **Medicalização em Psiquiatria**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017

FUCHS, C. **La paraphrase**. Paris: PUF, 1982

HAROCHE, C. **Fazer dizer, querer dizer**. São Paulo: Hucitec, 1992

JIMÉNEZ FÉLIZ J., GARCÍA CABALLERO A. Características forenses, psicológicas y lingüísticas de una muestra de notas suicidas en Galicia. **Boletín Galego de Medicina Legal e Forense,** n. 17, p. 31-47, 2010

JONES, S. Understanding community in the information age. In. \_\_\_\_\_\_ (ed.), **Cybersociety: Computer- mediated Communication and Community**, 10-35. Thousand Oaks, CA: Sage. 1995

KRISTEVA, J. **New maladies of the soul**. New York: Columbia University Press, 1995

LEENARS, A. A. Edwin S. Shneidman on Suicide. **Suicidology Online**. v. 1., p. 5-18, 2010

\_\_\_\_\_\_. **Suicide**: A multidimensional malaise. Suicide Life Threat Behav; v. 26, p. 221-235, 1996

LERNER, K. Doença, Mídia e Subjetividade: algumas aproximações teóricas. In. LERNER, K.; SACRAMENTO, I. **Saúde e Jornalismo**: interfaces contemporâneas

MARTINS DE SOUSA, A. Variações sobre vítimas e medicalização. In. OLIVEIRA, C; MÜLLER, R. F. **Subjetivações e gestão dos riscos na atualidade**. Rio de Janeiro: Contra Cpa/Faperj, 2017

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015

PAULILLO, R. **A enunciação vacilante**: formas do heterogêneo no discurso de si. Campinas: Tese de Doutorado apresentada no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Unicamp, 2004.

PÊCHEUX, M. L’énoncé, enchâssement, articulation et dé-liaison. In. **Matérialites discursives.** Lille, 1981

**\_\_\_\_\_\_. Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2014

PAULILLO, R. **A enunciação vacilante:** formas do heterogêneo no discurso de si. Campinas: Tese de Doutorado apresentada no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Unicamp, 2004.

PERNISA JÚNIOR, C.; ALVES, W. **Comunicação Digital**: jornalismo, narrativas e estética. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

SAFATLE, V. Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social. Intro. In. SAFATLE, V; SILVA JÚNIOR, N; DUNKER, C. **Patologias do Social**: arqueologias do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018

VAZ, P. A vida feliz das vítimas. In. FREIRE FILHO, J. **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 7: Distopias, conectividade e *fakenews*, do XI Simpósio Nacional da ABCiber. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade federal de Juiz de Fora (UFJF) e integrante do Grupo de Pesquisa Sensus – Comunicação e Discursos em Saúde. Bolsista CAPES. E-mail: antonione.grassano@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade federal de Juiz de Fora (UFJF) e integrante do Grupo de Pesquisa Sensus – Comunicação e Discursos em Saúde. Bolsista CAPES. E-mail: alencarlr@hotmail.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade federal de Juiz de Fora (UFJF) e integrante do Grupo de Pesquisa Sensus – Comunicação e Discursos em Saúde. E-mail: bpfeiffer924@gmail.com [↑](#footnote-ref-4)